



TRADIÇÃO EM  
COMPARTILHAR  
CONHECIMENTO

P.L. Travers

# MARY POPPINS

edição comentada e ilustrada

Ilustrações originais:

Mary Shepard

Tradução, apresentação e notas:

Joca Reiners Terron

Tradução do anexo:

Rodrigo Lacerda

## Apresentação

### A VIDA SECRETA DE MARY POPPINS

SOMENTE ALGUNS POUCOS personagens adquirem tamanha notoriedade a ponto de ofuscar o nome de seus autores nas capas dos livros, tornando-os quase irrelevantes – e isto aconteceu com P.L. Travers. Mary Poppins meio que apagou esse estranho nome começado por iniciais e por isto de aparência tão masculina. Afinal, pertenceria a um homem ou a uma mulher? De fato, Pamela Lyndon Travers era uma mulher misteriosa. A ponto mesmo de esse nem ser o seu verdadeiro nome. Nascida na Austrália em 9 de agosto de 1899 como Helen Lyndon Goff, chamada familiarmente de Lyndon, muito cedo ela começou a inventar histórias para entreter suas irmãs Moya e Bidy em Maryborough, Queensland. Filha de Margaret Agnes Morehead, de relativa proeminência social (seu irmão era *premier* de Queensland, equivalente ao nosso governador, e proprietário de engenhos de açúcar), e de Travers Robert Goff, um bancário de origem irlandesa de carreira instável em decorrência de seu alcoolismo, ela não teve uma infância fácil.

Lyndon perdeu o pai aos sete anos de idade (ele tinha apenas 43 anos ao falecer de “delírio de convulsões epiléticas”, o que talvez não passasse de um sinônimo para alcoolismo), o que obrigou a família a se transferir para Bowral, no estado de New South Wales, em 1907. Após a morte do pai, a mãe tentou o suicídio, mergulhando em severa depressão que perdurou por sua vida inteira. Certa noite, sofrendo com o luto havia anos, Margaret alertou Lyndon que cuidasse das irmãs, pois ela se afogaria num riacho nas proximidades. O talento

da garota começou a se manifestar nessa temporada de dura provação, interpretando histórias que ela mesma criava para distrair as irmãs mais novas das tristezas da realidade ao redor. Muitos anos depois do imenso sucesso de *Mary Poppins*, a escritora afirmava ainda ter o caderno onde anotou pela primeira vez o nome de sua personagem mais célebre. E nunca negou as relações entre essas pessoas reais e os personagens da série de livros protagonizada por Mary Poppins: o banqueiro sr. Banks foi um pouco inspirado em Travers Goff, e a sra. Banks em seu estado mais alterado lembrava um pouco Margaret. Contudo, como a própria autora asseverou em depoimento à BBC, “eu não acho que o livro seja baseado em minha infância”.

O período de convalescência de Margaret após a tentativa de suicídio introduziu na vida de Lyndon e de suas irmãs a figura inesquecível de Helen Morehead, também conhecida por tia Ellie, uma tia-avó que se responsabilizou por cuidar das crianças enquanto a mãe delas se recuperava. Em meio ao caos familiar decorrente da perda do pai e da depressão da mãe, a severidade de tia Ellie veio estabelecer alguma noção de ordem na vida das crianças. Seca e dura feito um cabo de vassoura, a senhora cuidou de Lyndon e das meninas menores com um zelo que dificilmente poderia ser confundido com falta de afeto. Na noite do suicídio mal-sucedido, segundo a principal biografia da escritora, *Out of the Sky She Came: The Life of P.L. Travers, Creator of Mary Poppins*, de Valerie Lawson, a história que Lyndon contou às irmãzinhas incluía um cavalo alado mágico que poderia safá-las daquela situação ameaçadora. De algum modo, as qualidades desse fabuloso alazão voador parecem se somar aos traços de tia Ellie, resultando em Mary Poppins.

Não demorou muito para Lyndon, agora conhecida pelo nome Helen Goff, planejar sua fuga daquele cenário de abandono. Mudou-se para Sydney, onde se matriculou na Normanhurst Girls School, no bairro suburbano de Ashfield. Na Europa corria a Primeira Guerra Mundial, e na metrópole australiana Helen deu início à sua trajetória de rebeldia juvenil, publicando poemas e contos eróticos na revista

literária *The Triad*, em uma coluna cujo título por si já era provocativo – “A Woman Hits Back” (algo como “Uma mulher dá o troco”) –, considerando o ambiente provinciano por onde ela transitava e, evidentemente, a época nada simpática à liberação sexual. Também colaborou com o jornal religioso *Sun* enquanto estudava interpretação, fazendo parte da companhia teatral shakespeariana Allan Wilkie’s em turnês pela Austrália e Nova Zelândia, disfarçada sob o pseudônimo Pamela Lyndon Travers. Tornou-se conhecida pelo jeito de moleque e pelo senso de humor sem limites, até se decidir a explorar o limite de seus horizontes: em 1924, embarcou em um transatlântico para Southampton, determinada a fazer carreira em Londres.

No ano seguinte, em uma viagem à Irlanda, Pamela Travers conheceu o editor e poeta George William Russell, um adepto da teosofia de Madame Blavatsky e ocultista. Ele publicou poemas dela no *Irish Statesman*, além de apresentá-la a alguns dos artistas mais proeminentes de então, como W.B. Yeats, com quem a jovem escritora aprofundou seu grande interesse por mitologia. Russell, 55, e Pamela, 26, a despeito da diferença substancial de idade, mantiveram relacionamento romântico e amistoso por dez anos, até a morte dele. Na companhia de escritores estabelecidos e sob a tutela intelectual de Russell, Pamela passou a colaborar com a imprensa, fazendo resenhas teatrais, e continuou a escrever para jornais australianos. A vida boêmia a atraiu, e ela explorou os palcos simbolizados pelos festivos balcões dos pubs londrinos para estabelecer relações com a fauna artística que frequentava a Fleet Street.

Foi também por meio de Russell que Pamela Travers, em sua temporada irlandesa, conheceu Madge Burnand, filha de sir Francis Burnand (importante dramaturgo e editor da *Punch*, revista fundamental do modernismo britânico), que se tornaria sua companheira por dez anos, até 1934, período em que viveram sob o mesmo teto em Mayfield, East Sussex. Tanto o aprendizado acerca de mitologia com os poetas ocultistas irlandeses quanto o convívio com Madge

foram essenciais quando Pamela, em 1933, vitimada por uma crise de pleurisia, começou a rascunhar aquilo que viria a ser *Mary Poppins*. (Tempos antes ela já publicara um conto protagonizado pela babá, e após lê-lo Russell a aconselhara a escrever uma “história de bruxa”.)

A importância do misticismo na produção de Pamela Travers não pode ser menosprezada. Seguidora dos princípios teosóficos, estudiosa dos ensinamentos do filósofo místico George Gurdjieff, a escritora incorporou à sua obra literária conhecimentos obtidos em seus estudos com Jane Heap – inclusive nos livros da extensa série dedicada a Mary Poppins (oito romances mais uma antologia de contos, sendo que o último título foi publicado em 1988); a influência da mitologia indígena norte-americana (Travers passou duas temporadas com índios navajo, hopi e pueblo) também é notável em sua não ficção, principalmente em *What the Bee Knows: Reflections on Myth, Symbol and Story* (1989).

Cria de seu tempo, discípula de vates e gurus, mulher livre de vaidades, durona como a terra desértica onde nasceu, porém de senso de humor agudo e direto, não exatamente bela mas certamente ousada e sedutora em suas calças masculinas, Pamela Lyndon Travers era a matriz a partir da qual seria gerada a personagem Mary Poppins, com quem compartilharia todas essas qualidades e idiossincrasias, menos uma: aparentemente, não tinha o menor talento para cuidar de pimpolhos. Por volta dos quarenta anos, concluindo que chegava ao final do ciclo que lhe permitiria ser mãe natural, ela decidiu adotar uma criança. O processo ocorreu de maneira meio atabalhoada, primeiro com a tentativa mal-sucedida de adotar a adolescente que lhe prestava serviços caseiros (a família da menina não permitiu). Depois, ao terminar a longa relação com Madge, Travers conseguiu a adoção de um menino irlandês, que batizou de Camillus Travers Hone. (Neto de Joseph Hone, primeiro biógrafo de Yeats, somente aos dezessete anos o garoto saberia da existência de seu irmão gêmeo, Anthony, quando este o procurou completamente embriagado numa

noite de tempestade; a mãe adotiva nunca o informara da existência de um irmão, quanto mais gêmeo.)

A PUBLICAÇÃO de *Mary Poppins*, em 1934, se deu graças à diligência de Madge Burnand, que tão logo Travers colocou o ponto-final enviou o manuscrito a Gerald Howe, editor em Londres, que o aceitou prontamente. A partir desse capítulo inaugural da saga da rabugenta babá voadora, a recém-nomeada P.L. Travers (o artifício das iniciais, sugestão de Howe, servia para afugentar leitores que não dedicariam seu tempo à leitura de obras escritas por mulheres – assim eram aqueles tempos pós-vitorianos) iniciou sua guerra pessoal pelo controle dos resultados relativos à forma como sua obra seria difundida. A primeira batalha foi travada contra Mary Shepard, ilustradora escalada para atribuir aparência gráfica a *Mary Poppins* e outros personagens – os integrantes da família Banks, Bert, o Rapaz dos Fósforos, a Vaca Vermelha... Para cada um deles, Travers imaginara uma imagem específica, e Mary (que era filha de Ernest H. Shepard, célebre ilustrador da série de livros *Winnie-The-Pooh*, de A.A. Milne), embora tenha dado cara a toda a série *Mary Poppins*, teve momentos de exasperação que somente seriam superados por Walt Disney, no capítulo seguinte dessa saga.

De todo modo, a parceria se mostrou eficaz: o livro foi um sucesso imediato, conduzindo a escritora à celebridade literária que ela tanto desejava. A medida dessa recepção – como era de se esperar em uma autora cuja carreira tivera início entre poetas da estatura de Russell e Yeats – não se supunha de índole meramente comercial, por isto Travers demonstrou imensa satisfação ao saber que T.S. Eliot (ele próprio autor de um clássico infantil, *Old Possum's Book of Practical Cats*, de 1939) gostara de *Mary Poppins*, assim como uma longa fila de admiradores que posteriormente manifestaria seu apreço pela figura da babá irascível dos meninos Banks, cuja primeira pista de pouso

foi o Número Dezesete da Cherry Tree Lane. Parte crucial dessa empatia imediata se deveu, entretanto, aos aspectos muito humanos da personagem. Do lado de lá do oceano, por exemplo, logo após o lançamento de *Mary Poppins Comes Back*, em 1935, a revista *The New Yorker* afirmou que “ela [Mary Poppins], e suas pequenas cobranças,” conseguia o seu melhor quando estava “com os pés no chão, escutlhambando os outros por se sentir amargurada” no viveiro muito humano e bagunçado da família Banks. Portanto, mais próxima dos homens que dos deuses celestes da mitologia.

Dentre os fãs da fadinha birrenta de Londres, Walt Disney, o Midas da indústria cinematográfica norte-americana, talvez tenha sido o mais devotado. Para cumprir promessa feita a suas filhas de filmar *Mary Poppins* (ao menos é o que dizem as lendas, e são tantas a ponto de terem inspirado outro filme, *Saving Mr. Banks*, de 2013, dirigido por John Lee Hancock, com Tom Hanks e Emma Thompson), Disney logo passou a assediar P.L. Travers à procura de convencê-la a vender os direitos – e isto continuou ao longo de uma década e meia, desde o instante em que tomou conhecimento da existência do livro, no início dos anos 1940, passando pela fase dos telegramas, aos encontros pessoais, até a produção enfim chegar às telas, em 1964. Ao decidir-se pelo filme, Disney sabia que a barganha não seria fácil, pois Travers já rechaçara ofertas de produtores de Hollywood tão poderosos quanto Samuel Goldwyn.

A obsessão pelo controle dos personagens (e a justificada possessividade autoral de Travers não se limitava à protagonista, estendendo-se até mesmo à aparência de Bert, o Rapaz dos Fósforos) demarcava profunda discordância em relação à visão simplista e maniqueísta das produções Disney, mas também evidenciava sua certeza quanto à natureza de sua obra literária: a de que não se destinava somente às crianças, e pretendia ser algo mais séria, também despertando o interesse de leitores adultos. Em artigo crítico sobre a obra, Sandra



Guardini T. Vasconcelos assegura que Mary Poppins “é uma projeção arquetípica da Deusa Mãe” – uma interpretação que Travers chegou a admitir em entrevistas –, “alguém que conseguiu transcender a limitada natureza humana e tem no céu seu elemento”.<sup>1</sup>

Fosse mera recalitrância ou dúvida acerca da natureza do projeto comercial ao qual sucumbia então, o fato é que P.L. Travers nunca deixou de manifestar publicamente sua decepção com o resultado do filme produzido por Disney, variando a intensidade de sua crítica conforme mudava o público à sua frente. Em algumas ocasiões ela moderou seus comentários, e em outras não economizou saliva em sua rejeição, concentrando-se em reprovar a excessiva beleza de Julie Andrews para o papel de Mary, por exemplo, ou a trilha sonora composta por Robert e Richard Sherman. A guerra começou a ser travada na mítica viagem de Travers à Califórnia em 1961 para conhecer os atores, ler o roteiro (e o aprovar, ou ao menos era essa a esperança de Disney), além de ouvir as canções preparadas pelos irmãos Sherman.

O grande desafio da produção de Disney era familiarizar a plateia norte-americana de classe média com o papel da babá, cujos serviços eram amplamente desconhecidos daquela geração do pós-guerra. A trama do musical se passaria em 1910, período no qual as crenças aristocráticas da Era Vitoriana caíam em desuso, e a ideia do produtor foi incumbir a trilha sonora de “contar” ao público moderno quais eram as obrigações de uma babá; Walt não desconsiderou a antipatia que a mera possibilidade de uma família transferir a criação de suas crianças para uma estranha poderia despertar, e promoveu alterações na concepção original do livro. Era fundamental para a aceitação do espectador que a babá fosse imprescindível para a família, e assim a versão cinematográfica do sr. Banks foi enviada à Guerra dos Bôeres – pois apenas um pai ausente poderia justificar a presença de Mary Poppins, a salvadora de um lar disfuncional.

---

1. Posfácio a *Mary Poppins*, São Paulo, Cosac Naify, 2014.

# MARY POPPINS



Dentro de uma moldura toda cheia de detalhes em relevo havia uma pintura de Mary Poppins.

Para minha Mãe

1875-1928

## 1. VENTO LESTE

**S**e você quiser encontrar a Cherry Tree Lane,<sup>1</sup> tudo o que precisa fazer é perguntar ao guarda que fica no cruzamento. Ele vai empurrar de leve o capacete para o lado, coçar a cabeça de modo pensativo; então vai apontar seu enorme dedo enluvado de branco e dizer:

– Primeira à direita, segunda à esquerda, dobre à direita de novo e vai chegar lá. Tenha um bom dia.

E com certeza, se seguir as orientações corretamente, você *chegará* lá – na Cherry Tree Lane, no ponto onde as casas descem de um lado da rua e o Parque sobe do outro e as cerejeiras ficam dançando bem no meio.

Se você estiver procurando pelo Número Dezessete – e é mais que provável que esteja, pois este livro é inteirinho a respeito dessa casa em particular –, logo vai encontrá-lo. Para começar, é a menor casa da rua. Além disso, é a única que está meio caída e precisando de uma mão de tinta. O sr. Banks, porém, que é o dono, disse à sra. Banks que ela poderia ter ou uma casa boa e confortável, ou quatro crianças. Mas não ambos, pois ele não poderia sustentar.

---

1. Ao contrário de alguns topônimos referidos pela autora, como a catedral de Saint Paul e o Banco da Inglaterra, Cherry Tree Lane é uma rua que não existe na Londres real. Por outro lado, a casa do Almirante Boom parece ter sido inspirada em modelo existente na Admiral's Walk, em Hampstead, residência do séc.XIX pertencente ao arquiteto George Gilbert Scott, o que indica que a Cherry Tree Lane – caso existisse – ficaria na região noroeste da cidade, próxima ao Regent's Park.

E após a sra. Banks dedicar alguma consideração ao assunto, concluiu que preferia ter Jane, que é a mais velha, e Michael, que veio em seguida, e John e Barbara, que são gêmeos e chegaram por último. Assim tudo ficou acertado, e dessa maneira a família Banks veio morar no Número Dezessete, com a sra. Brill como cozinheira, e Ellen para pôr a mesa, e Robertson Ay para aparar a grama e limpar as facas, engraxar sapatos e, como sempre diz o sr. Banks, “desperdiçar o tempo dele e o meu dinheiro”.

E, claro, além de todos eles, havia Katie Nanna, que realmente não merece aparecer neste livro, pois nessa época de que eu estou falando ela já deixara o Número Dezessete.

– Sem nem pedir licença ou dar uma palavra de aviso – começou a sra. Banks. – O que posso fazer?

– Ponha um anúncio, minha querida – disse o sr. Banks, calçando os sapatos. – E eu gostaria que Robertson Ay fosse embora sem uma palavra de aviso, pois novamente ele engraxou somente um pé e não tocou no outro. Vou parecer meio desequilibrado.

– Isso não tem a menor importância – respondeu a sra. Banks. – Você não me disse o que fazer a respeito de Katie Nanna.

– Não vejo como você poderia fazer qualquer coisa a respeito dela, já que ela desapareceu – continuou o sr. Banks. – Mas se fosse comigo, digo, se fosse eu, bem, eu arranjaría alguém para colocar no *Jornal da Manhã* a notícia de que Jane, Michael, John e Barbara Banks (para não falar da mãe deles) precisam da melhor babá que existe com o menor salário possível. Então eu esperaria a fila de babás se formar no portão da frente e ficaria bastante chateado por elas interromperem o tráfego, me obrigando a dar ao guarda um trocado por lhe causar tanta confusão. Agora vou sair. Uau, está tão frio quanto no Polo Norte. De que lado o vento está soprando?

E ao dizer isso, o sr. Banks enfiou a cabeça janela afora e olhou rua abaixo para a casa do Almirante Boom, que ficava na esquina. Era a maior casa da rua, e a rua sentia muito orgulho dela pois fora



construída exatamente feito um navio. Havia um mastro no jardim, e na cumeeira um cata-vento dourado em forma de telescópio.

– Ah! – disse o sr. Banks trazendo sua cabeça rapidamente para dentro. – É o Vento Leste,<sup>2</sup> segundo o telescópio do Almirante Boom. Foi o que pensei. Meus ossos estão congelados. Acho que vou usar dois sobretudos.

Então ele beijou meio distraído um dos lados do nariz de sua mulher, acenou para as crianças e foi para a City.<sup>3</sup>

---

2. O Leste é comumente associado à direção simbólica da presença divina. Em diversas obras clássicas o vento leste é referido como causa de transformações. No Livro do Êxodo, por exemplo, é esse vento que traz a praga de gafanhotos invocada por Moisés para libertar os judeus do Egito; no conto de fadas “O Jardim do Paraíso”, de Hans Christian Andersen, ele conduz o herói ao Éden.

3. The City, também conhecida como Square Mile devido à milha quadrada pela qual sua área se estende (equivalente a 2,90 quilômetros), é o principal centro comercial e financeiro da metrópole de Londres, e seu 33º distrito administrativo. Sua fundação pelos romanos remonta ao séc.I.

Bem, se existe um lugar para o qual o sr. Banks vai todos os dias é a City – exceto, claro, aos domingos e feriados – e, enquanto está lá, ele senta em uma grande cadeira diante de uma grande escrivaninha e ganha dinheiro. Ele trabalha o dia todo, separando pilhas de moedas de tostões, xelins, meias-coroas e vinténs. E leva algumas para casa em sua pequena pasta preta. De vez em quando, dá algumas moedas para Jane e Michael guardarem em seus cofrinhos, mas quando ele não pode dar nenhuma, diz: “O banco está quebrado.” Assim, eles ficam sabendo que ele não ganhou muito dinheiro naquele dia.

Bem, o sr. Banks saiu com sua pasta preta, e a sra. Banks se enfiou no escritório e lá permaneceu sentada o dia inteiro, escrevendo cartas aos jornais e implorando que lhe enviassem várias babás de uma vez, já que estaria mesmo esperando por elas. Na escada, logo acima, no quarto das crianças, Jane e Michael olharam pela janela, imaginando quem viria. Estavam felizes que Katie Nanna tinha ido embora, pois jamais gostaram dela. Ela era velha e gorda e cheirava a água de cevada.<sup>4</sup> Qualquer coisa, eles pensavam, seria melhor que Katie Nanna –  *muito* melhor.

Quando a tarde começou a desaparecer detrás do Parque, a sra. Brill e Ellen surgiram para servir o jantar às crianças e dar banho nos Gêmeos. Depois do jantar, Jane e Michael se sentaram na janela à espera de sr. Banks voltar para casa, e ouviram o som do Vento Leste soprando através dos galhos nus das cerejeiras na rua. As próprias árvores, girando e se embaralhando à meia-luz, pareciam ter enlouquecido e dançavam, arrancando suas raízes do chão.

– Lá está ele! – disse Michael, apontando de súbito para uma silhueta que batia com força contra o portão. Jane espiou através da escuridão lá fora.

– Aquele não é o papai – ela disse. – É uma outra pessoa.

---

4. Típico chá inglês, também utilizado na Inglaterra como primeira refeição para bebês ao serem desmamados do aleitamento materno.



E então a silhueta inclinada avançou sob a ventania, abrindo a cancela do portão, e eles puderam perceber que era uma mulher, que segurava um chapéu com uma das mãos, e com a outra carregava uma mala. Enquanto olhavam, Jane e Michael viram algo curioso acontecer. No instante em que a silhueta passava pelo portão, o vento pareceu levantá-la no ar, atirando-a perto da casa. Era como se a tivesse lançado primeiro no portão, aguardado que abrisse a cancela, e depois a tivesse pegado, jogando-a com mala e tudo na porta da



Segurava um chapéu com uma das mãos,  
e com a outra carregava uma mala.

frente. As crianças bisbilhoteiras ouviram um tremendo barulho, e quando ela pousou a casa inteira chacoalhou.

– Que divertido! – disse Michael. – Eu nunca tinha visto isso acontecer.

– Vamos lá ver quem é! – Jane agarrou o braço de Michael e tirou o menino da janela, arrastando-o pelo quarto até o patamar da escada. De lá eles sempre tinham uma boa visão de tudo que acontecia no saguão da casa.

Logo apareceu a mãe deles, vinda da sala de estar, seguida por uma visita. Jane e Michael podiam ver que a recém-chegada tinha cabelo preto e brilhante – “Igual a uma boneca holandesa de madeira”, sussurrou Jane. E ela era magra, com pés e mãos grandes, e tinha pequenos olhos azuis cheios de sagacidade.

– Você vai ver, elas são crianças ótimas – disse a sra. Banks.

O ombro de Michael cutucou as costelas de Jane.

– E eles nunca dão problemas – continuou a sra. Banks meio hesitante, pois não acreditava de verdade no que dizia. As crianças ouviram a visitante suspirar, como se ela também não acreditasse.

– Agora, a respeito das referências... – a sra. Banks prosseguiu.

– Ah, eu estabeleci a regra de nunca fornecer referências – disse a outra, com firmeza.

A sra. Banks a encarou:

– Mas pensei que fosse comum. Quer dizer, é o que as pessoas costumam fazer.

– É uma ideia bem antiquada, a *meu ver* – Jane e Michael ouviram a voz continuar, ainda com firmeza. – *Muito* antiquada. Até *completamente* ultrapassada, pode-se dizer.

Bem, se existe uma coisa de que a sra. Banks não gosta é de ser chamada de antiquada. Não suporta, na verdade. Então ela respondeu rapidamente:

– Muito bem, então. Vamos deixar pra lá. Perguntei apenas caso você... arrã... fizesse questão. O quarto das crianças fica no andar de cima.